

Chico Antonio n' A Barca Mário de Andrade e outros diálogos com a tradição musical popular

Lincoln Antonio¹

A Barca e Mário de Andrade

O trabalho d' A Barca, coletivo musical de São Paulo, começou em 1998 a partir do diálogo com a experiência de Mário de Andrade como viajante etnográfico². O estudo do material musical recolhido pelo escritor aliado à experiência em campo do grupo resultou na recriação de diversas peças musicais da tradição popular³. Enquanto Mário de Andrade anotou músicas de São Paulo, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, A Barca realizou gravações de campo e estabeleceu diálogos com mestres e grupos do Pará, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais e São Paulo⁴. Todo o material registrado pel' A Barca foi copiado e devolvido a cada grupo ou mestre, e grande parte dele foi editado em CDs e em DVDs documentários⁵.

Embora não gostasse de viajar, como conta em seu diário de viagem que chamou de *O turista aprendiz*⁶, Mário de Andrade realizou

-
- 1 Compositor, pianista, arranjador e produtor musical. Bacharel em Música – Composição e regência pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp, São Paulo, SP, Brasil). E-mail: lincoln@barca.com.br
 - 2 Em sua fase inicial, A Barca era composta por Lincoln Antonio, Renata Amaral, Sandra Ximenez, Juçara Marçal, Marcelo Pretto, Chico Saraiva, Thomar Rohrer, Ligeirinho, Beto Teixeira, Aguinaldo Pereira e Mauricio Alves.
 - 3 A BARCA. CD *Turista aprendiz*. São Paulo: CPC-Umes, 2000. CASA FANTI ASHANTI & A BARCA. CD *Baião de princesas*. São Paulo: CPC-Umes, 2002. A BARCA. CD *Trilha*. São Paulo, Cooperativa de Música, 2006.
 - 4 O acervo integral de gravações em áudio d' A Barca pode ser consultado na *internet* no endereço <http://www.acervobarca.com.br>. Este acervo recebeu, em 2011, o Prêmio Rodrigo Mello Franco, concedido pelo IPHAN, na categoria Promoção e Comunicação.
 - 5 A BARCA. *Trilha, toada e trupé* (3 CDs e um DVD documentário em longa-metragem). São Paulo: Independente, 2006. _____. *Coleção Turista aprendiz* (7 CDs e um DVD com 7 documentários em curta metragem). São Paulo, Independente, 2007.
 - 6 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ao menos três viagens importantes: às cidades históricas de Minas Gerais em 1924; “ao Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega” em 1927; e ao Nordeste, viagem etnográfica realizada em 1928-29. Nessa última ocasião, anotou centenas de peças de manifestações populares como maracatu, coco, chegança, congos, boi e cantos de trabalho. Em diversos momentos de sua vida, Mário de Andrade retornou a esse material com a intenção de organizá-lo num grande compêndio. Não conseguiu levar a cabo este projeto, e a maior parte do material foi editado após sua morte por Oneyda Alvarenga, sua aluna e colaboradora⁷. Em vida, publicou obras importantes que trazem registros musicais, como *Ensaio sobre a música brasileira* e *Aspectos da música brasileira*⁸.

O livro *Os cocos*, editado por Oneyda Alvarenga, reúne 245 peças, quase todas anotadas por Mário de Andrade na viagem ao Nordeste. Esse livro foi a principal fonte de estudo e exercício criativo para A Barca e nele sobressai a figura de um cantador: Chico Antonio.

7 Os livros de Mário de Andrade organizados por Oneyda Alvarenga e trabalhados por A Barca são:

- a) *Danças dramáticas brasileiras - 1º tomo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. Reúne 95 documentos musicais das cheganças (RN, PB, PE) e 17 do pastoril (PE), além de estudos, textos e anexos;
 - b) *Danças dramáticas brasileiras - 2º tomo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. Reúne 64 documentos músicas dos congos (RN, PB), 30 de maracatu (PE) e 15 de caboclinho (RN, PB), além de estudos, textos e anexos;
 - c) *Danças dramáticas brasileiras - 3º tomo*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1982. Reúne 110 documentos musicais do bumba-meu-boi (RN, PE, CE, AM, PA, RJ), e 53 de congadas e moçambiques (SP), além de textos e anexos;
 - d) *Música de feitiçaria do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. Reúne 49 documentos musicais sobre o assunto, além de estudos, textos e anexos;
 - e) *Os cocos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1984. Reúne 245 documentos musicais, além de estudos, textos e anexos;
 - f) *Melodias do boi e outras peças*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987. Reúne 248 documentos musicais diversos, textos e anexos.
- 8 ANDRADE, Mario de. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962. Reúne, além do ensaio do título (1928), 120 documentos musicais diversos e o estudo “A música e a canção populares no Brasil” (1936). _____, *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965. Reúne os estudos “Evolução social da música no Brasil” (1941), “Os compositores e a língua nacional” (1958), “A pronúncia cantada e o problema do nasal através dos discos”, “O samba rural paulista” (1941) e “Cultura musical” (1955).

Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis da minha vida. Chico Antonio apesar de orgulhoso:

“Ai, Chico Antonio
Quando canta
Istremece
Esse lugá!...”

Não sabe que vale uma dúzia de Carusos. Vem da terra, canta por cantar, por uma cachaça, por coisa nenhuma e passa uma noite cantando sem parada. Já são 23 horas e desde às 19 que canta. Os cocos se sucedem tirados pela voz firme dele.⁹

Mário de Andrade conheceu Chico Antonio no Rio Grande do Norte e anotou por volta de 50 cocos “tirados” por ele. E descreveu o encontro com o cantador em várias crônicas entusiasmadas, conforme se lê na edição de *O turista aprendiz* elaborada por Telê Porto Ancona Lopez.

Que artista. A voz dele é quente e duma simpatia incomparável. A respiração é tão longa que mesmo depois da embolada inda Chico Antonio sustenta a nota final enquanto o coro entra no refrão. O que faz com o ritmo não se diz! Enquanto os três ganzás, único acompanhamento instrumental que aprecia, se movem interminavelmente no compasso unário, na “pancada do ganzá”, Chico Antonio vai fraseando com uma força inventiva incomparável, tais sutilezas certas feitas que a notação erudita nem pense em grafar, se estrepa. E quando tomado pela exaltação musical, o que canta em pleno sonho, não se sabe mais se é música, se é esporte, se é heroísmo. Não se perde uma palavra que nem faz pouco, ajoelhado pro “Boi Tungão”, ganzá parado, gesticulando com as mãos doiradas, bem magras, contando a briga que teve com o diabo no inferno, numa embolada sem refrão, durada por 10 minutos sem parar. Sem parar. Olhos lindos, relumeando numa luz que não era do mundo mais. Não era desse mundo mais.¹⁰

O coco, nas suas várias formas, é ainda hoje muito vivo no Nordeste brasileiro. Uma das formas é o coco de roda, quando os dançadores/coro se colocam em roda respondendo ao cantador num refrão simples. Outra

9 ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, p. 275.

10 ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, p. 277.

forma é o coco de embolar, quando o cantador, também chamado de coqueiro, improvisa versos numa segunda parte melódica, alternando com o refrão cantado pelo coro. Em ambas as formas, o coco pode ser considerado como uma proto-canção, já que não chega ao acabamento da canção popular, constituindo-se como “obra aberta”, sobretudo quando a improvisação é seu elemento central. Dessa maneira, cada performance de um coco é uma obra única, tanto maior seja o talento do cantador como improvisador. Em 2005, A Barca registrou a manifestação através do trabalho de cantadores como Mestre Verdellino (Alagoas), Biu Roque (Pernambuco), Odete do Pilar (Paraíba) e das cantadeiras do quilombo de Caiana dos Crioulos (Paraíba).

Mas o primeiro cantador que A Barca conheceu, em 1998, foi Chico Antonio, através dos livros de Mário de Andrade.

Bom Jardim, 11 de janeiro - Passei hoje o dia com Chico Antonio, conversando, grafando algumas das melodias que ele canta. Agora ele está de novo giragirando no coco e vou dedicar mais esta crônica a ele. Principiou a cantar faz pouco e até onde o vento leva a toada, os homens do povo vem chegando, mulheres, vultos quietos na escuridão, sentam no chão, se encostam nas colunas do alpendre e escutam sem cansar. A encantação do coqueiro é um fato e o prestígio na zona, imenso. Se cantar a noite inteira, noite inteira os trabalhadores ficam assim, circo de gente sentada, acorada em torno de Chico Antonio uirapuru, sem poder partir.¹¹

11 ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, p. 277.



Figura 1: Chico Antonio, foto de Mário de Andrade. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP - Fundo Mário de Andrade, código do documento: MA-F-0994

No encarte de seu primeiro CD, *Turista aprendiz*, lançado em 2000, A Barca escreveu:

Na aula “O artista e o artesão” (in *O Baile das Quatro Artes*), Mário de Andrade discute a importância do artesanato como parte da técnica artística que se pode ensinar, que é necessária para movimentar o material, pra que a obra de arte se faça. Técnica demais, porém, pode descambar para uma virtuosidade perigosa, vazia, ou para um formalismo excessivo, distanciando a obra de sua função social. É preciso que haja “um justo equilíbrio entre a arte e o social, entre o artista e a sociedade”. Portanto, é necessário que o artista adquira “uma severa consciência artística que o moralize”, envolvendo-se com os problemas imediatos do seu tempo. Essa dimensão social da arte não se localiza fora dela, mas no próprio fazer artístico.

O trabalho da Barca começa do aprendizado e movimentação de um material específico: a música vinda das tradições populares de todo o Brasil. São melodias, ritmos, vozes, timbres e versos de artistas anônimos, como finas camadas de areia que vão se sobrepondo ao longo do tempo. Sempre em transformação, a arte popular é genuinamente social, porque funcional, seja no sentido lúdico ou religioso. Ela precisa interessar, sempre. Na sua origem está a busca da comunicação entre os homens.

Baseado nesse desejo de comunicação, nos lançamos a essa tarefa nada simples de pesquisar, estudar e apresentar esse material, sempre atentos às suas características e exigências, porque “se o espírito não tem limites na criação, a matéria o limita na criatura”. Em janeiro de 1999 a Barca viajou por cidades do interior do Pará e do Maranhão mostrando essa experiência e conhecendo muitas outras coisas que acabaram influenciando nosso trabalho e entrando para o repertório do grupo. Essa viagem, marcada pela vontade mútua de compartilhar experiências, nos deu uma visão muito clara do quanto a música brasileira é ao mesmo tempo múltipla e integradora. Tocando e cantando, a gente se entende.¹²

A Barca recriou vários cocos anotados por Mário de Andrade. Falaremos aqui de três deles: “Justino Grande”, “Ê Tum” e “Manué”. Cada um deles com características formais próprias que resultaram em processos distintos de edição e arranjo.

Pr'onde vai, Jus tino Grande, Cum teu bumba gema - dó?

Quando chegô im Go - i - a - na Jus tino Grande apanhô.

Pr'onde vai, Justino Grande,
Cum teu bumba gemedô?
Quando chegô im Goiana
Justino Grande apanhô!

Binidito era um bicho,
Cab'a bom p'a vadiá,
Justino Grande apanhô,
Quand'acabô foi s'inforcá.

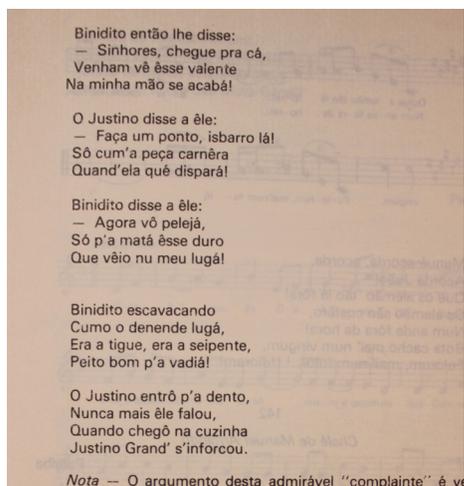
Quando entraram nua sala,
Que pegaram a rimá,
Diz, até fazia pena
O Justino vadiá.

Eu me chamo Binidito,
O coqúbro do lugá,
Eu sô aquela seipente
Que você ouviu falá.

— Faça carrêra, Justino,
Nóis agora vamo dá,
Dê c'u macêpo nu bumba,
Quero vê êle falá!

The image shows a handwritten musical score for the song 'Justino Grande'. It includes two staves of music in 3/4 time with a tempo marking of 112. Below the staves are the lyrics in Portuguese. To the right of the lyrics, there are handwritten guitar chords and rhythmic notations. The chords include F5, E5, D5, C5, G5, and others. The rhythmic notations use 'x' and 'y' to represent notes and rests. The lyrics are: 'Pr'onde vai, Justino Grande, Cum teu bumba gema - dó? Quando chegô im Go - i - a - na Jus tino Grande apanhô. Binidito era um bicho, Cab'a bom p'a vadiá, Justino Grande apanhô, Quand'acabô foi s'inforcá. Quando entraram nua sala, Que pegaram a rimá, Diz, até fazia pena O Justino vadiá. Eu me chamo Binidito, O coqúbro do lugá, Eu sô aquela seipente Que você ouviu falá. — Faça carrêra, Justino, Nóis agora vamo dá, Dê c'u macêpo nu bumba, Quero vê êle falá!'

12 A BARCA. CD *Turista aprendiz*. São Paulo, CPC-Umes, 2000.



Justino Grande, um coco em cinco tempos

Figura 2: Páginas 196 e 197 do livro *Os cocos*, anotações de Lincoln Antonio feitas durante o trabalho d' A Barca.

“Justino Grande” é um surpreendente coco em compasso quinário. A célula básica do coco é invariavelmente em compasso binário, descrevendo tanto a base rítmica da percussão, quanto o passo da dança.



Figura 3: Célula rítmica básica do coco.

No caso de “Justino Grande”, a melodia desenvolve-se num compasso de cinco tempos. Se subdividimos o compasso 2/4 e consideramos a célula básica do coco em compasso 4/8, essa célula ganhará mais uma colcheia no compasso 5/8.



Figura 4: Célula rítmica básica de “Justino Grande”.

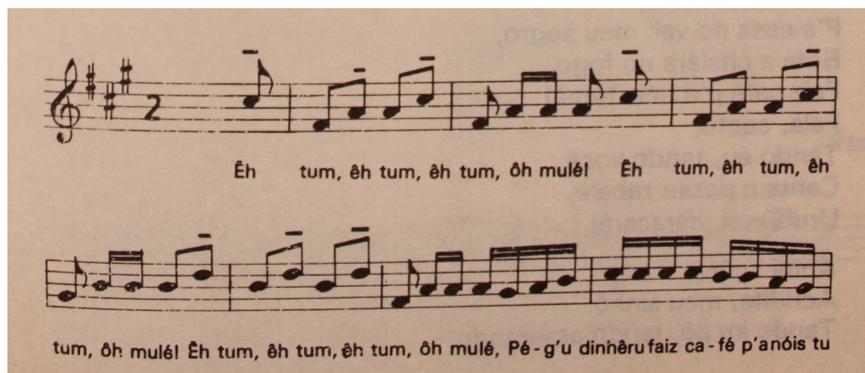
A letra de “Justino Grande” é um raro caso pois – em vez de improvisar sobre um ou vários assuntos, geralmente descolados do refrão – conta uma história, aproximando-se assim da canção popular. Canta-se a “peleja” entre dois coqueiros, Justino Grande e Benedito, culminando com a derrota do primeiro. Outra singularidade é a cadência harmônica ocorrer no meio do compasso ou, mais precisamente, no quarto pulso.

Fm | Fm Eb | Eb Db | Db Eb Fm ||
 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5

A profusão de versos encontrados no livro *Os cocos*, a variedade de temas e de diálogos, levou A Barca a experimentar novas edições e arranjos das peças, sobretudo pelo gênero constituir-se como “obra aberta”, refrão que recebe versos improvisados na segunda parte.

Ê Tum: duelo de emboladas

Mário de Andrade já havia publicado o refrão de “Ê Tum” em seu *Ensaio sobre a música brasileira*¹⁵, provavelmente tendo-o recebido de algum colaborador. Mas é de Chico Antonio a versão que está n’*Os cocos*, a qual, além do refrão, apresenta ainda uma segunda parte.



15 ANDRADE, Mario de. *Ensaio sobre a música brasileira*, p. 125.

má, ôh mu - léi Anda li - gê - ru A minha regr' é di co - quêru, Istrê meci u mund'in

tê - ru, Trupe - lãõ, rí - u, ca ná; Tandu zan - gadu Ba - ianu a galo -

padu, Naque - li dia mai - cadu Fui a - prendê a na dá ôh mu léi

Figura 5: Páginas 289 e 290 do livro *Os cocos*, base para o trabalho do grupo A Barca.

Na segunda parte, o cantor improvisa quadras seguindo uma forma comum nos cocos anotados por Mário de Andrade: estrofes duplas de quatro versos, tendo o primeiro verso de cada estrofe quatro sílabas poéticas e os restantes, sete.

Anda ligero,
A minha regra é de coquero,¹⁴
Istremece o mundo intero,
Trupelão, rio, caná;

Tando zangado,
Baiano agalopado,
Naquele dia maicado,
Fui aprendê a nadá!

A versão d' A Barca para o coco “Ê Tum” de Chico Antonio, gravada no disco *Turista aprendiz*, fez um embate de dois cantadores na segunda parte, alternando estrofes entre eles, como acontece na cena cantada no coco “Justino Grande”. Esses versos vieram de outros cocos de Chico

14 Conforme a partitura, o “A” que inicia o segundo verso é cantado junto com a sílaba final, átona, de “ligeiro”, do primeiro verso.

Antonio, mas também vieram de outros cantadores anotados por Mário de Andrade.

(Juçara Marçal)
corre, menina
pra casa do véio, meu sogro
bote a chalera no fogo
faiz café pra nós tumá
(Sandra Ximenez)
corre, menina
na casa do funileiro
chegue lá, pergunte a ele
por quanto faiz um ganzá

(Marcelo Pretto, Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Juçara Marçal)
fala, coquero
da cabeça de cumbuca
você hoje se amaluca

na pancada do ganzá
fala, coquero
da barriga de monturo
você fala no escuro
porque meu talento dá

(Sandra Ximenez)
olha, coquero
na bolada americana
si o esp'rito num m'ingana
eu também sei embolá
bolada num
bolada num, bolada notro
atirei com bola solta
num jogo de rebolá

(Juçara Marçal)
tome cuidado
diz, é poco mais o meno
minha bola tem veneno
quando eu pego no ganzá

eu dei um tombo
quatro tombo no martelo
eu sô feito no duelo
rimeiro, vamo rimá

(Marcelo Pretto, Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Sandra Ximenez)
passe pr'aqui
passe pr'ali, passe p'o canto
que eu daqui num me alevanto
quantas tapa qué levá?
ande ligero
arrepere, cavalero
eu sô um bicho ligero
na pancada do ganzá

(Juçara Marçal)
ande ligero
arrepere, meu sinhô
tando em pé, tando assentado
eu sei dá pulo mortá
ande ligero
no martelo agalopado
abr'u olho, camarada
veja o jeito d'eu bolá

(Sandra Ximenez)
caba danado
cabo da bola malina
você memo é que m'insina
lavá ropa sem moiá
é tranca, é bola
é tranca, é bola, é parafuso
a baleia deu um urro
do out'o lado do má

(Marcelo Pretto, Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Juçara Marçal)
embola a lua
embola o sol, embola o vento

meto a cabeça, vô dento
qu'eu também vô guerriá
faca de ponta
é danada pra custela
nego vendo a ponta dela
morre doido, num vai lá

(Sandra Ximenez)
poeta novo
num monta no meu cangote
se montá leva chicote
morre doido de apanhá
passe pr'aqui
passe pr'ali seu gororoba
que você engole cobra
com farinha de imbuá

(Juçara Marçal)
no meu cercado
cabrito novo num berra
nuvíu de pé de serra
num briga com malabá
caba valente
num me diga desaforo
quem num pode com besoro
num assanha mangangá

(...)

(Juçara Marçal, Sandra Ximenez e Marcelo Pretto)
ande ligeiro
a minha regra é de coqueiro
estremece o mundo inteiro
trupelão, rio, caná
eu sou coqueiro
eu sou bicho cantadô
inda que você num queira
eu seria, eu era, eu só

Voltando a Mário de Andrade:

Porque Chico Antonio não é só a voz maravilhosa e a arte esplêndida de cantar: é um coqueiro muito original na gesticulação e no processo de tirar um coco. Não canta nunca sentado e não gosta de cantar parado. Forma os respondedores, dois, três, em fila, se coloca em último lugar e uma ronda principia entontecedora, apertada, sempre a mesma. Além dessa ronda, inda Chico Antonio vai girando sobre si mesmo. Ele procura de fato ficar tonto porque, quanto mais gira e mais tonto, mais o verso da embolada fica sobrerrealista, um sonho luminoso de frases, de palavras soltas, em dicção magnífica. Poemas que nenhum Aragon já fez tão vivo, tão convincente e maluco. É prodigioso.¹⁵

Manué: misturando versos e melodias

Em “Manué”, A Barca experimentou um arranjo mais complexo, envolvendo duas peças distintas. A primeira é uma toada do boi-bumbá Pae do Campo, gravada pela Missão de Pesquisas Folclóricas em Belém do Pará¹⁶.

♩ = 112 REFRAÃO

Ê Ma - nu - el Eu só vim fa - zê teu gosto Sa - cri - fi -

can - do meu cou - ro, co - rren - do su - or do meu rosto Sa - cri - fi -

2. ESTROFE

Oh, mi - nha mãe me bo - tea benção Me quei - ra me dar ben - ção Mi - nha

Eu vou pra te - rra de mouro Vou mo - rrer sem con - fi - ssão D.C.

Figura 6: Toada do boi-bumbá Pae do Campo, gravada pela Missão de Pesquisas Folclóricas em Belém do Pará, em 1958.

15 ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, p. 278.

16 VÁRIOS, CD *The Discoteca Collection: Missão de Pesquisas Folclóricas*. The Library of Congress, Rykodisc, 1997.

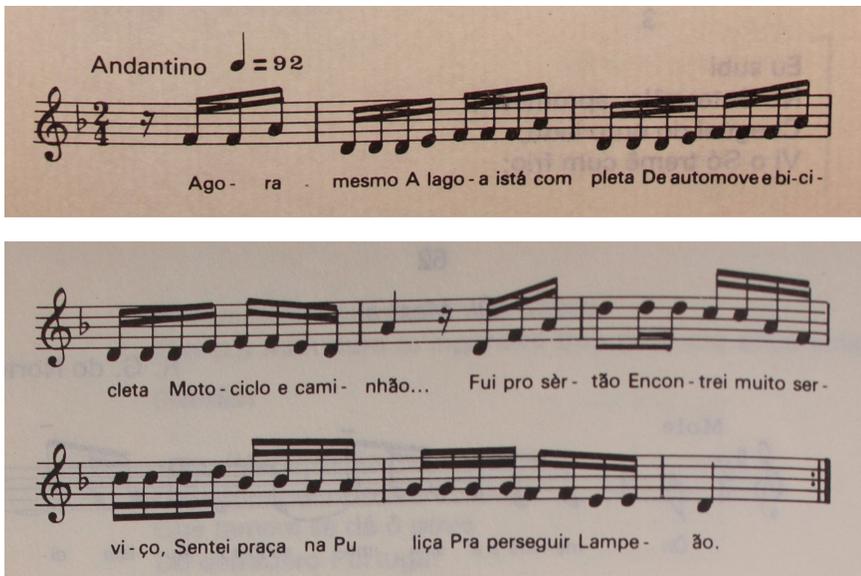


Figura 7: Páginas 115 e 114 do livro *Os cocos*, base para o trabalho do grupo A Barca.

Na versão d'A Barca, a melodia da segunda parte do boi foi transformada em introdução instrumental e a melodia do coco pernambucano ficou como segunda parte, permanecendo o refrão do boi como tema central. Tudo como um coco de roda, em andamento acelerado, com a temática feminina nas estrofes da segunda parte. Mais uma vez, versos de Chico Antonio e de outros cantadores presentes no livro *Os cocos* foram rearranjados para a construção do discurso do cantador sobre “as mulé”.

(Marcelo Preto)
 a gente chega
 fica logo impressionado
 com o olhar enamorado
 das menina do sertão
 muito cuidado
 por ali ninguém faz fita
 cada mocinha bonita
 tem um tio que é valentão

17 ANDRADE, Mário de. *Os cocos*, p. 115-114.

18 ANDRADE, Mário de. *Os cocos* p. 116.

19 ANDRADE, Mario de. *Ensaio sobre a música brasileira*, p. 90.

(Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Marcelo Pretto)

em riba daquela serra
tem um velho gaioleiro
quando vê moça bonita
faz gaiola sem ponteiro
naquela serra
tem três moça encantada
uma é minha, outra é tua
outra é de meu camarada

se quisé escolhe noiva
escolha pelo andá
que aquela que é veiaca
pisa no chão devagá
pra casá com moça
não case com amarela
que ela dá pra lobisome
passa a gente na moela

(Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Marcelo Pretto)

homem casado
que tem amor à família
que gosta de suas filha
não devia passia
se saí pra rua
deixa a casa em abandono
chega outro e banca dono
toma conta do lugá

mulé casada
que duvida do marido
leva a mão no pé-do-ouvido
pra deixá de duvidá
homem solteiro
namorou muié casada
tá co'a vida atrapaiada
na ponta do meu punhá

(Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Marcelo Pretto)

pois é que a vida
tá ficando muito cara
homem, agora, é coisa rara
não se pode assim achá
só macaxera
a mulher e a cachaça
num instante a gente acha
não carece procurá

cabocla Mariana
tem quatro filha solteira
tem uma cabocla mais nova
nunca vi bicha faceira
anda e remexe
quatro palmo de cadeira
premita nossa senhora
qu'essa cabocla me queira

Mário de Andrade nunca mais reencontrou Chico Antonio desde sua viagem ao Nordeste, aliás, a única vez em que esteve na região. Mas em 1943 o escritor voltaria ao cantador, transformando-o em personagem de uma série de crônicas intituladas “Vida do Cantador”,²⁰ publicadas na sua coluna “Mundo Musical”, no jornal *Correio da Manhã*.

Chico Antonio ficaria esquecido nas páginas de *O turista aprendiz*, só publicado em 1976. Mas, em 1979, o cantador é novamente localizado no Rio Grande do Norte, pelo poeta e pesquisador Deífilo Gurgel²¹. Essa “redescoberta” de Chico Antonio, quase octagenário, é tema do documentário *Chico Antonio, o herói com caráter*, de Eduardo Escorel. Em 1982, Chico Antonio grava um LP para o Instituto Nacional do Folclore/Funarte²², acompanhado por seu vizinho Paulírio Sebastião da Silva, onde relembra uma série de cocos anotados por Mário de Andrade, como “Boi Tungão”, “Adeus Luquinha da Lagoa” e “Onde Vais, Helena”. Chico

20 ANDRADE, Mário de. *Vida do cantador*. Edição crítica de Raimunda de Brito Batista. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993.

21 COSTA, Gilmar Benevides. *O canto sedutor de Chico Antonio*. Natal: Editora da UFRN, 2004, p. 58.

22 ANTONIO, Chico. LP *No balanço do ganzá*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982. Relançado em CD pela Funarte, Coleção Itaú Cultural e Atração Fonográfica em 1998.

Antonio falece aos 89 anos, em 1993, quando se comemora o centenário de Mário de Andrade.

Em 1998, como na ficção de *Vida do cantador*, Chico Antonio volta a “cantar” em São Paulo pelos músicos d’A Barca.

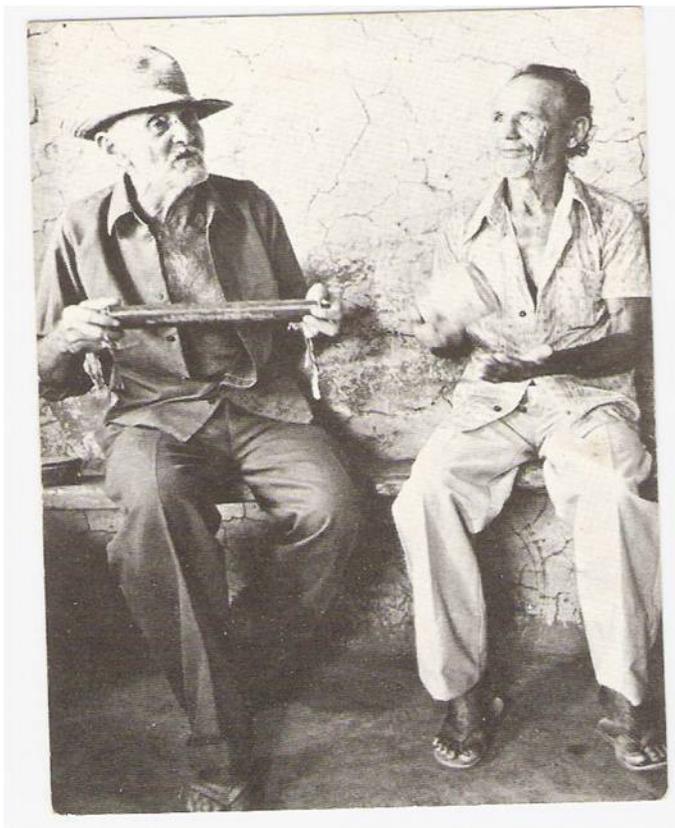


Figura 8: Chico Antonio e Paulfrio Sebastião da Silva.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i59p419-436>

